

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Geografia

ANDREWS SEIJI MATSUBARA GOTO DE MORAIS

Geração tristeza

Ensaio sobre o emo na cidade de São Paulo

São Paulo

2020

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Geografia

ANDREWS SEIJI MATSUBARA GOTO DE MORAIS

Geração tristeza

Ensaio sobre o emo na cidade de São Paulo

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob orientação do Profº Drº: Rodrigo R. H. F. Valverde.

São Paulo

2020

Resumo

Este estudo aborda o surgimento do subgênero *emocore*, assim como a sua vinda para o Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, e o desenvolvimento da cultura emo em diversos pontos espalhados por essa região. As descobertas terão passagens breves sobre a importância da internet para os jovens daquele tempo, assim como necessariamente é recomendado tecer algumas informações sobre a resistência do estilo a ser estudado, caminhando também pelas metamorfoses sofridas pelo emo, escancarando as necessidades da renovação artística na cultura do entretenimento presentes em todas as formas musicais ou sociais para a transformação do *status quo* na sociedade. Será utilizado a categoria lugar, tanto dos geógrafos críticos quanto da geografia humanista, para fazer o melhor apontamento dos motivos a que se deu o crescimento e a sua queda dentro da sociedade paulistana, contando também com entrevistas que mostram pontos de vista pessoais ou até mesmo opiniões de pessoas próximas em relação ao movimento.

Palavras-chave: emo, lugar, São Paulo.

Abstract

This study addresses the emergence of the subgenre emo, as well as its coming to Brazil, more specifically in the city of São Paulo, and the development of emo culture in several points spread throughout this region. The discoveries will have brief passages about the importance of the internet for the young people of that time, just as it is necessarily recommended to provide some information about the resistance of the style to be studied, also walking through the metamorphoses suffered by emo, opening the needs of artistic renewal in the culture of the entertainment present in all musical or social forms for the transformation of the *status quo* in society. The place category, both of critical geographers and humanist geography, will be used to make the best indication of the reasons for the growth and its fall within São Paulo society, also counting on interviews that show personal points of view or even opinions of people close to the movement.

Keywords: emo, place, São Paulo.

Lista de figuras

Figura 1 - Primeira aparição do termo <i>emo</i>	11
Figura 2.1 e 2.2 - Exemplos de Real emo (Cap' n Jazz) e Fake emo (Good Charlotte), respectivamente.....	16
Figura 3.1 e 3.2 - Vans slip on e Mad Rats slip on, respectivamente.....	17
Figura 4 - Exemplo de <i>scene kids</i>	20
Figura 5 - Galeria do rock.....	23
Figura 6 - Marquise do Parque Ibirapuera.....	24
Figura 7 - Centro Cultural São Paulo.....	25
Figura 8 - Praça da Liberdade em São Paulo.....	26
Figura 9 - Banda japonesa L'arc-en-ciel.....	28
Figura 10.1 e 10.2 - Estética <i>Loli</i> , no anime e na vida real, respectivamente.....	29
Figura 11 - Exemplo de cinema em shopping.....	30
Figura 12 - Hangar 110.....	32
Figura 13 - Praça Victor Civita em Pinheiros.....	34
Figura 14.1 e 14.2 - Bandas Cine e Restart, respectivamente.....	39
Figura 15 - Yung Lean e o grupo <i>Sadboys</i>	40

Figura 16.1 e 16.2 - Mary Elizabeth Winstead e Margot Robbie,
respectivamente como Ramona Flowers e Arlequina.....41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. NASCIMENTO DO EMO.....	8
3. EMO EM SÃO PAULO.....	10
4. ENDEREÇO DIGITAL DO EMO.....	14
5. LOCALIZAÇÃO DO EMO.....	20
5.1 Galeria do Rock.....	20
5.2 Parque Municipal/Estadual.....	22
5.3 Centro Cultural São Paulo.....	23
5.4 Praça da Liberdade - São Paulo.....	24
5.5 Shopping.....	27
5.6 Hangar 110.....	29
5.7 Praça.....	31
6. RESISTÊNCIA DO EMO.....	33
7. METAMORFOSE DO EMO.....	36
8. ENTREVISTAS.....	40
8.1 caso 1.....	42
8.2 caso 2.....	44
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
10. BIBLIOGRAFIA.....	52

1. Introdução

O primeiro contato de muito dos jovens paulistas com o “emo”, talvez tenha ocorrido nas escolas, através do contato de outros estudantes, colegas e amigos, que por sua vez pode ter adquirido o conhecimento de tal manifestação artística por via de amigos da rua, da vizinhança, conhecidos de outras instituições de ensino. Mas o extrato de toda essa absorção cultural se deve a alguma instância de poder informacional que pode ser reconhecido tanto de uma leitura nacional quanto internacional.

Para que o movimento seja entendido em sua essência, é preciso que uma linha cronológica, apesar de por vezes parecer ilógica ou até mesmo confusa, seja traçada a fim de determinar as relações interpessoais, tanto daqueles que ali dentro do grupo se inseriam e também das visões que exalavam estranheza ao ver ou em ouvir o objeto que iremos estudar.

Nos dias atuais, é possível enxergar um certo saudosismo quanto a essa expressão artística, mas também podemos ver os filhotes gestados e amadurecidos dessa grande onda do rock que se manifestou de diversas formas na sociedade, tanto na música, quanto na moda, arriscando a dizer que catalisou grandes mudanças no status quo da sociedade.

Para além da história, o conceito de lugar foi escolhido como categoria geográfica para que a explicação sobre o movimento emo fosse feita de maneira a facilitar a visualização da ascensão da cultura em determinados pontos estratégicos de divulgação e resistência desse grupo, levando em consideração que “ênfatizar o relativo, o cultural, a experiência histórica da humanidade, em relação aos atributos físicos da área, é fazer o estudo completo da geografia - o estudo dos lugares.” (HOLZER, 1999, p. 69 apud LUKERMANN, 1964). É possível, então, fazer a relação entre sua luta de sobrevivência ou, até mesmo, os motivos de seu crescimento desenfreado durante os meados dos anos 2000 através do ambiente propício para tal em algumas regiões da cidade de São Paulo.

2. Nascimento do emo

O “emotional hardcore” é um movimento musical herdado do cenário “punk” e, posteriormente, pelo “hardcore punk”, muito fortes durante os anos 80 nos Estados Unidos, com músicas que muito expressavam descontentamento com a situação política em sua contemporaneidade, tanto do próprio país onde residiam, alternando entre questões raciais e apelos de cessar fogo de suas políticas de ataque a outros países que eram vistos como ameaça à soberania norte-americana e até nas questões contextuais da guerra fria, quando a União Soviética também era criticada por suas medidas autoritárias.

Uma questão que sempre foi colocada durante as canções dos artistas “punks” e suas derivações era justamente a visão dos jovens descontentes com a situação hostil nos subúrbios norte-americanos perante ao totalitarismo da elite local, com críticas que escancaravam o veto indireto desses últimos ao direito à cidade daqueles trabalhadores pobres que tinham como esperança uma vida digna para si e para seus semelhantes, assim como a liberdade de vida às milhares de vítimas que os Estados Unidos faziam em todo o globo por conta dos ataques de caráter geopolítico.

Com o movimento “emocore”, abreviação do termo completo “emotional hardcore”, não poderia ser diferente. No final dos anos 80, algumas bandas surgiam a partir do berço do “hardcore”, com a base musical mantida dos antecessores do “hardcore punk”, mas com letras que, ainda que de cunho político, mostravam a sensibilidade humana dos membros compositores desses grupos.

O tema do direito à cidade ainda era recorrente, mas agora de forma menos escancarada, pois se tratava do cotidiano desses artistas e daqueles que os cercavam. Letras que envolviam discursos de luta contra o sistema e da liberdade de ir e vir em seu país foram metamorfozados para ideias de sensibilidade pessoal. Relacionamentos amorosos, familiares e muitas vezes a relação com o eu-lírico se tornavam cada vez mais frequentes, tendo em vista que “a cidade transforma tudo, inclusive a matéria inerte, em elementos de cultura” (Santos, 2006, p. 221, apud Rimbaud, 1973, p. 283)

Temos como grandes exemplos de bandas do gênero dessa época como Fugazi, Minor Threat, Embrace e Rites of Spring, sendo os três primeiros liderados por Ian MacKaye e o último tendo sido produzido pelo mesmo, o que o tornaria em um dos precursores do movimento, mesmo que ele não se entregasse ao termo, dizendo durante um show que aquele rótulo é a coisa mais estúpida que já havia ouvido, explicando que o hardcore sempre fora emocional.

O termo em si nasceu a partir de um excerto escrito em Janeiro de 1986 em uma pequena coluna sobre a música underground de sua época na Thrasher Magazine, onde o autor denominava os shows daquelas bandas da costa Oeste dos Estados Unidos como um convite às lágrimas. Porém, o termo foi mal recebido tanto por artistas, como pode ser visto anteriormente, como também posteriormente por diversos setores da sociedade que acabava vendo o emocore com tendências negativas.

Figura 1 - Primeira aparição do termo *emo*



Fonte: Thrasher Magazine Jan. 1986, p. 75

3. Emo na cidade de São Paulo

É importante perceber o que foi dito anteriormente sobre a temática em questão. O assunto não se perdeu nas sensibilidades individuais, e sim, transformado em um objeto de apelo emocional que muito contém das ideias discutidas pelos antecessores do movimento “emo”. Dessa forma, a visão sobre a cidade não era objetiva, e sim, um cenário onde as suas relações sociais ocorriam dentro do cotidiano daqueles que ali se inseriam.

Mas onde o Brasil, em especial a cidade de São Paulo, sendo o nosso objeto de pesquisa, se insere nessa cronologia artística? O país, que estava sob o comando dos militares desde os anos 60, vinha de um crescente sentimento de repúdio à ditadura militar e isso não poderia faltar como tempero à arte que revelava grandes nomes da música popular brasileira que tinham como arma em prol da democracia, afiadas letras, em sua maioria das vezes metafóricas, que expressavam o descontentamento do resultado do golpe de 64.

Todo esse contexto histórico é mais do que o suficiente para que o movimento “punk” no Brasil crescesse exponencialmente nos anos 80 e, assim como o movimento norte-americano, a crítica ao governo autoritário e negligente com a camada mais pobre da sociedade foi amplamente difundida através de suas letras agressivas por todo o território nacional. Mas pelo nosso objeto e cenário de estudo ser outro, não vamos entrar em detalhes do movimento “punk” e nem de toda a extensão nacional, atendo-nos ao estudo do “emo” na cidade de São Paulo.

O cenário do “emotional hardcore” teve um momento que muito importa quando se é estudado a historicidade musical na maior metrópole da América Latina. Tendo o hardcore punk como o seu antecessor direto no EUA, no Brasil não foi diferente, tendo grandes nomes do gênero por todo o território nacional, em especial na região sudeste do país, epicentro do surgimento de bandas que tomariam o país, ainda que reconhecidos como grupos “underground”.

É difícil nomear uma única banda que possa ter o título de “a primeira banda emo do Brasil”, mas ainda assim, dentro da cartilha de opções que a história nos

oferece, é mostrada que a capital paulista apresenta as mais antigas recordações musicais do gênero emcore de fato desde o começo dos anos 90, levando em consideração que o termo ainda viria a se concretizar ao passar dos anos, ou seja, ainda se era muito direcionado a esses artistas como grupos de hardcore punk, hardcore melódico e rock alternativo, situação que se transformaria a partir do direcionamento de caráter midiático de construção da forma musical e social daquele estilo que começava a chamar a atenção ainda no começo dos anos 2000.

4. O endereço físico/digital do emo

Nota-se que o conceito do ser “emo” ainda não era claramente delimitado pelas características musicais antes do começo dos anos 2000, apesar de ela ter sido criada com esse intuito ainda em meados dos anos 80 a partir de publicações de revistas e fanzines, que acabaria sendo adotado por algumas poucas gravadoras locais nos Estados Unidos. Mas foi a partir de 2003 que o emo no Brasil tomava formas e estereótipos conhecidos pela população de fora e de dentro desta comunidade cultural. Foi nessa época que os grandes nomes do “emo mainstream” surgiriam, ou até mesmo, lançariam seus primeiros trabalhos.

A respeito da mudança no âmbito da popularidade do movimento emo pode-se notar que:

“Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Cria-se uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada.”
(Santos, 2006, p. 217)

Seguindo a ideia, "a cultura de massas 'permissiva' do século XX extraiu uma nova liberdade de um sistema cultural anteriormente repressivo e hierárquico" (Santos, 2006, p. 217, apud Silvio Funtowicz, Jerome R. Ravetz, 1993, 1943, 1964), o que nos traz a reflexão de que o emo, apesar de ter a sua base fundada no hardcore punk, foi fruto de uma metamorfose cultural, algo reaproveitado para se criar um gênero que anos mais tarde teria a alcunha formada pelas grandes mídias como “a última grande onda do rock” e, ao mesmo tempo, como “aquilo que mataria o rock”, mostrando a cultura transgressora e popular do emo se tornando também um produto massificado que atingiria grande parte da população mundial.

É importante perceber, porém, que esse ano foi apenas o marco de surgimento dos protótipos do que as grandes gravadoras e mídias televisivas, escritas e fonográficas viriam a moldar para os consumidores de produtos culturais da época. Mas foi em 2006, que alguns artistas e álbuns se destacaram, tomando conta das rádios e telas em todo o território nacional. Dessa forma, integrantes de

banda começavam a se tornar influenciadores no que se diz respeito ao comportamento, vestimentas, estilo musical, entre outros formatos de interesse pessoal de cada membro.

Dessa forma, a cultura “emo” se tornava cada vez mais uma febre entre os jovens no Brasil, sobretudo em São Paulo, onde a informação chegava mais rápido, por motivos geográficos, sendo ela pela espacialidade, da menor distância entre os fãs e os artistas, assim como maior facilidade de acesso às grandes mídias que promoviam o crescimento desenfreado dessas bandas como as estações de rádio, estúdios de entrevista, redação de revistas, grandes produtoras, ou até mesmo em um sentido mais diretamente mercadológico como lojas, galerias, casas de shows, entre outros.

Ainda assim, é necessário que pontuemos a conservação do que é chamado pela mídia de “*real emo*”, ou seja, o emo “raíz”, aqueles que engatinharam no berço do movimento desde o hardcore punk, tendo em contraponto a ascensão do gênero como cultura de massa que se desvirtuava do caminho traçado pelos seus antepassados culturais, os conhecidos “*fake emo*”. Tendo em vista o aumento do consumo desse produto artístico, a classe média acabava se sobressaindo no quesito quantitativo de obtenção de novos recursos culturais, sendo elas ingressos de shows, artigos de moda, revistas especializadas, eletroeletrônicos utilizados por seus ídolos, entre outros.

Figura 2.1 e 2.2 - Exemplos de Real emo (Cap' n Jazz) e Fake emo (Good Charlotte), respectivamente



Fonte: Jade Tree¹ e Globo², respectivamente

Dessa forma, os menos favorecidos financeiramente adaptavam o seu novo estilo de vida com o que havia a seu alcance. A saída para muitos quando o assunto era evento, por exemplo, eram os show gratuitos e parques que não cobravam entradas. A moda também era adaptável, calçados da “Vans” eram trocados por “Mad Rats”, que apesar da semelhança nos modelos, possuíam diferentes preços, sendo o segundo bem mais leve para os bolsos.

¹ Disponível em: <<https://jadetree.com/capn-jazz>> Acesso em dez. 2020.

² Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/09/good-charlotte-anuncia-hiato-indefinitivo.html>> Acesso em dez. 2020.

Figura 3.1 e 3.2 - Vans slip on e Mad Rats slip on, respectivamente



Fonte: Site das empresas Vans³ e Mad Rats⁴, respectivamente

Vemos, então, que apesar de ambas as classes sociais possuem a mesma postura cultural, os emos pobres condiziam mais com a ideia inicial do hardcore, da ideia do “faça você mesmo”, mesmo com a contradição do consumo de uma cultura em massa que ali se criava. Através dessa análise, é possível perceber que:

“As classes médias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa. É por isso que as cidades, crescentemente inegalitárias, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim.” (Santos, 2006, p. 222)

Apesar de todos esses fatores apontarem motivos para o grande sucesso da comunidade “emo” em São Paulo, mais uma técnica de formação de coletivos culturais era necessária para que a amálgama entre indivíduos fosse realizada massivamente: A internet. Redes sociais como o Orkut, criado em 2004, fotolog, em 2002, entre outras ferramentas eram utilizados pelos jovens a fim de estabelecer suas conexões sociais fora de seus respectivos espaços de convivência cotidianos.

³ Disponível em: <<https://www.vans.com.br/sapatos/tenis/tenis-slip-on/p/1002000580083U>> Acesso em dez. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://www.madrats.com.br/produto/tenis-de-skate-slip-on-quadriculado/>> Acesso em dez. 2020

Tendo um raciocínio um pouco mais complexo, suas redes eram os seus endereços secundários, abstratos e concretos simultaneamente, onde não se poderia tocar, mas era possível, com alguma imaginação, realizar uma visita à distância, como ocorre nos endereços fora do espaço digital.

Muito se é dito dos indivíduos que compunham essa comunidade sobre a sua relação anti-social, paralelo à tristeza ocasionada pelos males da sociedade e/ou individuais, mas talvez a primeira sentença tenha uma ideia equivocada quanto à sociabilidade dessa juventude. Inclusive, pode-se dizer que a situação é exatamente oposta. A concepção de sociedade para os “emos” consiste na reparação social em diversas áreas da de comportamento, sendo elas a quebra dos padrões de beleza, o repúdio aos atos de bullying quais sejam os seus motivos, a compaixão sentida pela matança desenfreada de animais, entre muitos outros.

Dessa forma, os grupos acabam se formando por afinidade, visto que muitas dessas ideias são tratadas de forma a entender que são irrelevantes para a maioria das pessoas que não compõem este coletivo. Como citou Milton Santos (2006, p. 214, apud A. D. Rodrigues, 1994, p. 75) “na experiência comunicacional, intervêm processos de interlocução e de interação que criam, alimentam e restabelecem os laços sociais e a sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham os mesmos quadros de experiência e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum”.

Ao mesmo tempo, que a comunicação e a identificação do semelhante determina a formação de grupos culturais, é importante apontar que “a ideia dos outros implica a ideia de um mundo” (Santos, 2006, p. 214, apud G. Berger, 1943, 1964, p. 15), assim como “o conteúdo dos lugares é o mesmo conteúdo do ‘mundo’: ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros (HOLZER, 1999, p. 70), ou seja, o emo acaba por além de convidar a reunião de indivíduos que compartilham da mesma filosofia de vida, também faz a distinção de pessoas que não possuem os princípios que fundamentam a base ideológica do movimento.

Existe, então, a separação de mundos que definem um determinado conjunto de agentes culturais do restante da população e, esses últimos, ao fazerem parte de seus respectivos aglomerados sociais, acabam completando o ciclo da sociabilidade para cada complexo comunitário, trazendo à tona o próprio conceito de tribo urbana.

A ideia do anti-social por muitas vezes é confundida pela revolta ocasionada pelas injustiças sociais que pode acabar sendo encarnado, na visão desses indivíduos, nos próprios parentes e colegas que possuem modelos ideais que não são compatíveis com as deles, o que torna a convivência entre algumas dessas pessoas hostil, ou vezes, inexistente, tornando a internet um abrigo seguro de qualquer relação se não aquelas da companhia aconchegante dos seus semelhantes.

Mas é importante destacar que as redes digitais, apesar de toda a sua importância descrita anteriormente, foram até então uma tecnologia de sociabilidade fora de seus círculos espaciais cotidianos, ou seja, questões românticas, amizades, troca de informações musicais e até para intuitos acadêmicos, trabalhos da escola, lições de casa, dúvidas com colegas, tudo isso poderia ser feito a partir da internet e as redes sociais que lhes era apresentado. Além disso, ela serviria justamente para anúncios de encontros entre os “emos” da cidade, anúncio de shows underground, formação de bandas, enfim, um prelúdio ao que viria a fazer parte da vida cotidiana de alguns indivíduos desse grupo.

Nota-se que a conexão nas redes sociais foi muito importante para a força do movimento “emocore”, tanto na música quanto para aqueles que desfrutavam e sentiam-se seguros junto a esse coletivo cultural. Enquanto que os artistas possuíam mais maneiras de divulgar os seus trabalhos, os fãs conseguiam marcar encontros para debater diversos temas, incluindo suas bandas preferidas, o que muito facilitou a vida de cada um dos lados da moeda.

Outro assunto que é necessário apontar foi o crescimento de outro subgênero que muito foi confundido com o emo pela sua estética foi o movimento *scene*. Esse grupo nasceu no Reino Unido e consistia em jovens que, assim como o nosso objeto de estudo, partia de princípios visuais extravagantes, porém ainda existiam certas

diferenças entre os dois, apresentando elementos mais coloridos em sua moda, tanto nas roupas e acessórios quanto no cabelo, que apesar de ter cortes que remetiam ao emo, eram mais repicados e rebeldes e em sua maioria das vezes possuía cores vibrantes com opções voltadas ao Neon.

Figura 4 - Exemplo de *scene kids*



Fonte: Society19⁵

A música que os cercavam geralmente estavam ligados mais ao estilo eletrônico, abordando temas muito menos sombrios do que comparado ao *emotional hardcore*, mas ainda assim algumas bandas de deathcore - junção do metalcore com o *hardcore punk* - acabavam também se juntando à lista de reprodução desses jovens.

Mas apesar das diferenças apontadas, houve uma confusão tanto fora quanto dentro de ambas as comunidades, fazendo com que boa parte da sociedade que gostaria de se adentrar nesses grupos culturais acabasse misturando todos os elementos apresentados e boa parte da população que não se identificava com

⁵ Disponível em: <<https://www.society19.com/signs-you-were-a-scene-kid/>> Acesso em dez. 2020.

esses grupos não conseguiam fazer a diferenciação, generalizando ambas as tribos urbanas como emo.

Dessa forma, apesar de serem subgêneros culturais diferentes, continuaremos os estudos de forma generalizada, pelo motivo da fusão que acabara ocorrendo entre essas duas tribos urbanas, além do movimento *scene* ser derivada do emo, levando posteriormente à ascensão de outros estilos que muito se assemelhavam a esses grupos, tendo a conexão digital um papel de extrema notabilidade dentro da sociedade no que se diz ao acesso a todas essas informações para o desenvolvimento ou até mesmo ao enfraquecimento dos subgêneros subsequentes.

5. A localização dos emos

Seguindo o gancho da importância da internet para esses jovens e conectando com a facilidade de acesso informacional de interesse dos “emos”, podemos começar a pontuar algumas localidades importantes para o desenvolvimento desta cultura na cidade de São Paulo. O estudo dessa pontualidade por parte desse grupo se faz imprescindível para a percepção geográfica, pois “A situação de um homem supõe um espaço onde ele se move; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência.” (HOLZER, 1999, p. 68, apud DARDEL, 1990)

Entretanto, é necessário mostrar que existem algumas regiões que comportaram de forma específica a vinda dessa tribo urbana, que pode ser mais notado no centro da cidade, enquanto que em outras ocasiões, os encontros podiam ocorrer de forma bem generalizada, como são exemplificados nos pequenos parques e praças de bairro, onde jovens da vizinhança se reuniam como forma de socialização, mostrando que “para que se constituam efetivamente em lugares é necessário um longo tempo de residência e um profundo envolvimento emocional” (HOLZER, 1999, p. 71). Dessa forma, vamos primeiramente tocar nos grandes aglomerados e depois partimos para partículas menores de encontro desses jovens.

5.1 Galeria do rock

A galeria do rock é considerado por muitos o maior aglomerado de tribos urbanas do centro da cidade de São Paulo, onde grupos como os metaleiros, skatistas e emos achavam acessórios que os melhor definiam em diversas lojas de calçados, estúdios de tatuagem, estamparias, entre outros setores do comércio. Foi inaugurada em 1963 e, desde então, abrigou diferentes tribos urbanas, desde a cena do metal à cultura hip hop.

Possuindo 7 andares, a galeria se tornou uma febre na aquisição de roupas temáticas de bandas, filmes e séries, conta com lojas de mídias físicas como cd e dvd, cabeleireiros e barbearias, acessórios da cultura pop, lojas especializadas em

grafites, skate, estúdios de tatuagem, lanchonetes, estamparias e conta com uma grande variedade de comércio de calçados.

Figura 5 - Galeria do rock



Fonte: Exame⁶

Durante o pico de sucesso da onda emo, o espaço lotava de meninos e meninas sentimentais que se aglomeravam a fim de dar seus passeios com amigos, namorados e parentes para comprar ingressos dos shows desejados, obter novos acessórios da moda jovem em um lugar onde poderiam se relacionar com pessoas que tinham os mesmos interesses culturais, o que explica RELPH (1976) quando o mesmo diz que “a essência do lugar é a de ser o centro das ações e das intenções, onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência.”

⁶ Disponível em:

<<https://exame.com/negocios/galeria-do-rock-tem-30-lojas-fechadas-e-outras-400-com-futuro-incerto/>> Acesso em dez. 2020.

5.2 Parque Municipal/Estadual

Os parques municipais e estaduais foram locais onde a presença dos jovens emo ocorreu em massa. Dado suas grandes extensões, acabou acolhendo diversos eventos, que muito se assemelham aos posteriormente apelidados “rolezinhos” que ocorriam nos shoppings. No parque do Ibirapuera, por exemplo, muitos eventos ocorriam ao ar livre, como os “encontrões” dos emos que se concentravam principalmente na área da marquise.

Figura 6 - Marquise do Parque Ibirapuera



Fonte: Medium⁷

É possível perceber que a preferência por esses locais estava pautados tanto na área ao livre como pelo acesso gratuito, o que dava aos jovens a liberdade de exercer a sua rebeldia, inclusive no que se refere ao uso de narcóticos, álcool e tabaco. Mas é importante frisar que essa não era a única forma de transgressão dos emos, já que alguns desses indivíduos também eram participantes do movimento straight edge, caracterizado por uma filosofia de vida que defendia a total abstinência de entorpecentes.

⁷ Disponível em:

<<https://medium.com/@carolinamnzs/um-mundo-embaixo-da-marquise-5d00487af959>> Acesso em dez. 2020.

5.3 Centro Cultural São Paulo

Mais conhecido como CCSP, o espaço abriu portas para diversas tribos urbanas que se encontravam à procura da identificação através da arte. Na cidade de São Paulo existem diversos centros culturais, mas para o emo esse talvez tenha sido o local mais significativo para a socialização desses grupos, tendo em vista o piso superior construído como um jardim de onde as pessoas podem transitar de forma parecida como apareceu no tópico dos parques.

Além disso, o prédio oferece o projeto “Centro do Rock” que consiste na entrada franca em shows de rock para os interessados e apresenta também um espaço amigável para grupos de prática de street dance, independente do modelo da dança. Apesar de muitos dançarinos e dançarinas usufruírem do espaço, é visível a preferência dos “kpopers” - fãs do gênero k-pop - na ocupação das áreas cobertas do Centro Cultural São Paulo, que acaba sendo, por vezes, relacionado ao movimento emocore, o que iremos falar no tópico seguinte.

Figura 7 - Centro Cultural São Paulo



Fonte: Folha de São Paulo⁸

⁸ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/07/1900425-ccsp-troca-aluguel-de-duas-salas-por-postagens-em-rede-social-de-revista.shtml>> Acesso em dez. 2020.

5.4 Praça da Liberdade - Japão

Essa praça muito é lembrada pela centralidade do bairro que leva o mesmo nome, local onde pessoas de diferentes tribos urbanas utilizam como ponto de encontro e de partida ou, até mesmo, como o próprio lugar de reunião social. Ao andar pela praça, era possível ver muitos membros do movimento emo sentados nas escadarias de saída da estação de metrô, alguns se utilizando de narcóticos, álcool, cigarro, ou de nenhuma substância enquanto conversavam e se divertiam uns com os outros.

Figura 8 - Praça da Liberdade em São Paulo



Fonte: Transportal⁹

Mas o que fazia desta praça ser um ponto tão importante para esse grupo? A resposta pode ser encontrada tanto no motivo espacial quanto cultural. Por um lado, a centralidade do bairro em relação à cidade já tem um chamativo, pois ela apresenta uma importância do cotidiano no centro histórico da cidade de São Paulo que dita uma eterna disputa por territorialidade entre diversos grupos culturais, já por

⁹ Disponível em:

<<https://www.transportal.com.br/noticias/rodoviaria-tiete/o-que-fazer-no-bairro-da-liberdade-sp/>>
Acesso em dez. 2020.

outro lado é interessante fazer a correlação entre os emos e a cultura imigrante de alguns países do leste asiático, em especial o Japão.

Começando a correlacionar primeiramente o emo com a cultura nipônica, muito comumente era visto que esses primeiros consumiam muitos produtos que remetiam principalmente à estética do “anime”, que nada mais é do que a abreviação na língua japonesa para animação, ou seja, desenhos animados que carregam traços originários do Japão.

Esses desenhos geralmente tem um traçado que tornam os personagens mais “fofos” ou comumente chamados em japonês de “kawaii” e os consumidores dessas animações ou simplesmente da estética pode ser chamado de “otaku” para masculino e “otome” para o feminino, sendo mais comumente generalizado para ambos os gêneros pelo primeiro termo.

Embora a grande característica por trás da personalidade do emo fosse a tristeza e a misantropia, para os novos emos a estética do dito “kawaii” era uma forma de vaidade pessoal, mas que gerava uma tendência entre todo o grupo de mesma identificação cultural, que continha um certo padrão de beleza a se alcançar, não apenas física, mas também interior. Dessa forma, conseguimos entender, talvez de forma rasa, a questão dos preconceitos sofridos pelos emos vindos de pessoas que não compunham o movimento e que assistiam por fora a prática da suposta feminilidade dos homens que desejavam ter comportamentos mais “fofos”.

Mas o anime não foi o único fator que comportou a correlação entre emos e a cultura nipônica. Dentro desses próprios desenhos, existiam aberturas e fins de episódios que levavam músicas do gênero “J Rock”, que significa literalmente rock japonês. Essas canções geralmente tinham traços do pop rock, mas em algumas ocasiões, dependendo também da mudança de temporada dessas séries, o som acabava sendo substituído por outro, a fim de trazer um indicador do movimento entre os arcos da história.

Figura 9 - Banda japonesa L'arc-en-ciel

Fonte: JaME¹⁰

Apesar de termos pontuado as músicas dentro do anime, os artistas que compõem essas canções geralmente tem a própria carreira dentro dos moldes tradicionais de distribuição da música, ou seja, ainda lançam *singles*, *extend plays* e álbuns fora do ambiente televisivo. Em algumas obras ou artistas é possível perceber características justamente do hardcore melódico ou de gêneros que se assemelham às bandas emo dos Estados Unidos.

Falamos até então sobre a estética do anime e da musicalidade emo que pode ser encontrado nos artistas japoneses, mas a mistura dos dois fatores acaba ocorrendo também, sendo talvez a maior característica do J rock a extravagância na forma de se vestir, atribuindo visuais andróginos para os homens, carregados de maquiagem e cabelo escorrido na cara e super femininos, trazendo traços infantis e de inocência para as mulheres, que pode ser chamado de estética “loli”, ao mesmo tempo que trabalham na composição de músicas que podem ser comparados ao emocore.

¹⁰ Disponível em:

<<https://www.jame-world.com/bz/news/125909-transmissao-ao-vivo-de-shows-do-l-arc-en-ciel-e-vamps-em-sao-paulo.html>> Acesso em dez. 2020.

Figura 10.1 e 10.2 - Estética *Loli*, no anime e a na vida real, respectivamente



Fonte: Pinterest¹¹²

Por último, temos a cultura dos games que muito foi presente na comunidade emo que pode-se somar aos fatores do apelo visual de personagens de alguns jogos, mas popularmente pode ser correlacionado com a anti sociabilidade dos emos, tendo, por vezes, a preferência de se isolar e tomar tempo dos seus dias na frente do console de videogame ou do computador. Essas atribuições acabam conectando a cultura geek, não só do Japão, mas de todo o globo com a solidão voluntária presente no movimento emo.

5.5 Shopping

Os centros comerciais ou *shopping centers* em inglês, são locais que essencialmente tem como função a aglomeração de lojas geograficamente próximas a fim de aumentar a visibilidade e facilidade dos transeuntes para o consumo de diversos produtos de diversos setores, sendo elas de alimentação, artigos esportivos, moda, lojas de departamento, entre outros. Mas aqui, o shopping teria outra função na vida dos jovens, fortalecendo a função de sociabilidade entre aqueles que já frequentavam o local.

Visto que muitos dessa juventude eram parte do movimento emo, via-se shoppings abarrotados pela presença desses indivíduos, mas isso não era

¹¹ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/757660337303883301/>> Acesso em dez. 2020.

¹² Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/718394578035060980/>> Acesso em dez. 2020.

característica essencialmente desse grupo, mas acabou coincidindo com a já existente cultura de consumo e do passeio. Muitas vezes, esses jovens nem chegavam a entrar nas lojas, mas a praça de alimentação era um local onde namorados e amigos estacionavam os seus corpos como forma de socialização.

Os jovens emo como consumidores da cultura pop e aficionados pelo romantismo eram grandes frequentadores de cinemas, principalmente nos shopping, onde a sua presença era quase garantida. Em alguns desses estabelecimentos havia promoções, como a “Quinta do Beijo”, que consistia em jovens beijando seus pares a fim de conseguir o desconto no bilhete de entrada dos filmes. Apesar de não ser específico para os emos, eram eventos muito comuns entre a comunidade e, dessa forma, podemos compreender que “o lugar é necessariamente constituído a partir da experiência que temos do mundo” (TUAN, 1975).

Figura 11 - Exemplo de cinema em shopping



Fonte: Alto Tietê Online¹³

¹³ Disponível em:

<<https://altotieteonline.com.br/alto-tiete/guarulhos/guarulhos-60-gatos-sao-resgatados-em-estado-de-abandono-em-casa-na-vila-augusta/17/08/2020/>> Acesso em dez. 2020.

5.6 Hangar 110

Algumas casas de shows foram emblemáticas nesse período do emocore. Temos grandes nomes como Unimed Hall, anteriormente chamado de Credicard Hall, Espaço das Américas, os estádios de futebol, sambódromo, entre outros locais que viravam palco para artistas de grande e pequeno porte, principalmente internacionais, mas foi no Hangar 110, localizado na região central da cidade de São Paulo que a mágica das bandas emo underground ocorreu.

A casa que abriu suas portas em outubro de 1998 obteve sucesso inicialmente com bandas punk e do hardcore punk, prestigiando diversas bandas do cenário alternativo e underground da época, sendo reconhecido como um templo para os frequentadores. Foi nesse local onde a semente do novo emo seria plantado, onde tocaram bandas como NXZero e Fresno, que seriam os grandes nomes do rock sentimental no *mainstream*.

Foi a presença nesse local onde boa parte dos integrantes desse movimento, tanto os artistas quanto os fãs, teriam o seu próprio reconhecimento com o termo emo e se identificariam com o meio. Nesse contexto, podemos entender que “o conhecimento do lugar é um simples fato da experiência” (HOLZER, 1999, p. 69 apud LUKERMANN, 1964), podendo-se completar com a fala de TUAN (1979):

"O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado." (HOLZER, 1999, p. 70 apud TUAN, 1979)

Com isso, vem o sentimento de pertencimento e de cuidado com o local onde esse grupo escolhe se socializar. Alguns lugares se tornam uma segunda casa para os frequentadores, assim como dão o conhecimento devido do endereço ao espaço. Sabem-se dos problemas e das virtudes que circulam nos seus arredores e os tornam parte de sua história.

Dessa forma, quando algum indivíduo fora dos movimentos presentes entravam em contato com o local era possível perceber que “existe um evidente contraste entre aquele que percebe como visitante, que observa - que vê a cena superficialmente - e aquele que está 'em casa' e que experimenta o lugar.” (POCOCK, 1981)

Figura 12 - Hangar 110



Fonte: Ligando a Música¹⁴

Apesar da popularidade desses locais até agora citados, precisamos levar em consideração o fato da classe social afetar diretamente as decisões dos eventos que os emos participariam. O centro se tornava além de um ponto de encontro entre os membros da cultura emo uma junção de ideias que resistiam através da sua ocupação territorial, onde outras tribos urbanas também o almejavam pelo conhecimento da importância e peso do centro histórico da cidade de São Paulo para a história da sociedade paulista como um todo. Mas ainda é tão importante quanto levantar o ponto de que as periferias também tem o seu peso no papel de socialização, independentemente de qual grupo cultural o indivíduo faz:

¹⁴ Disponível em: <<http://ligadoamusica.com.br/hangar-110-anuncia-seu-retorno-para-marco/>> Acesso em dez. 2020.

“[...]os guetos urbanos, comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais ou de grupo e à afinidade de destino, afinidade econômica ou cultural.” (Santos, 2006, p. 220)

Dessa forma, é necessário que passemos pelo menos brevemente pelo desfruto do próprio bairro pelas pessoas que ali crescem e se desenvolvem como indivíduos sociais dentro da cidade. Toquemos agora, então, em um dos melhores exemplos de localidade para socialização desses jovens e que muito incluiu jovens dentro da participação de grupos culturais.

5.7 Praça

Falamos até agora de muitos lugares que tinham ligação com setores privados da cultura ou ao menos uma relação público-privada, mas as praças eram pontos de encontro que os jovens tinham como o porto mais íntimo de socialização, pois neles habitavam os seus sentimentos de vizinhança, uma forma de relacionamento com os personagens de um cenário que já era bem conhecido, tanto pela facilidade espacial quanto pela confiança na territorialidade de sua própria existência.

Além dessa questão, o motivo financeiro é um peso a se considerar. Jovens pobres que não tinham condição de pegar condução até o centro da cidade acabavam por ficar nas proximidades de sua residência, onde poderiam exercer seu direito de expressão sem precisar desembolsar seu dinheiro juntamente com amigos, colegas ou familiares.

Porém, como já foi falado anteriormente, pelo motivo dos emos terem nascido do movimento punk, mais especificamente do hardcore punk, muito havia do estigma de jovens violentos e usuários de drogas que arrumavam confusões entre outras tribos urbanas e até mesmo com a polícia. Dessa forma, muitas pessoas com valores mais conservadores acabavam acionando o Estado a fim de dar um final à diversão nas praças, muitas vezes através da força policial.

Podemos perceber, então, que a liberdade de expressão não comportava todas as formas de opinião e suprimia principalmente os jovens pobres que não conseguiam sair do seu bairro. Apesar de estarmos falando sobre as praças, isso acabava ocorrendo sobretudo nos espaços privados ou público-privados, onde aquele grupo era visto como transgressor e perigoso aos olhos do *status quo* da sociedade.

Figura 13 - Praça Victor Civita em Pinheiros



Fonte: Andarilhos¹⁵

¹⁵ Disponível em: <<https://somosandarilhos.blogspot.com/2019/01/>> Acesso em dez. 2020.

6. A resistência do emo

Mas afinal, o que mudou desses dias de glória do movimento “emo” para os dias atuais? Muito se fala de sua morte, não só musicalmente falando, mas como uma onda cultural que envolveu grande parte dos jovens em completo frenesi durante esse período e que hoje estaria enterrado na mais profunda nostalgia, na cabeça daqueles que viveram talvez a última grande onda do rock. Existe, então, um final para essa história que deixou milhares de ex-jovens órfãos de suas crenças culturais?

A resposta que nos cabe não está nos marcos manuscritos de uma cronologia cultural. Ela ainda pode ser vivenciada em pequenos ou até grandes detalhes do que foi visto há alguns anos atrás. Como foi dito anteriormente, a cultura e seus respectivos movimentos não simplesmente se auto consomem, mas está em constante metamorfização.

Dessa forma, ainda nos dias atuais, muito se vê de alguns resquícios das remanescentes características que eram atribuídas aos “emos”, mesmo que os portadores desses atributos, muitas vezes nem se consideram ou nunca fizeram parte desta comunidade, ainda que disputem a sua territorialidade e ainda lutem pela consolidação de sua existência em determinado espaço geográfico.

É importante ressaltar que a luta por um lugar na sociedade urbana não é um feito atual, pois ela existe desde antes do nascimento do termo “tribo urbana”, criado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, que determina um grupo de pessoas que tinha como o fator de reunião a base de interesses comuns, sendo ela na forma de vestimenta, ideologias, hábitos cotidianos, entre outros fatores.

É possível dizer que a harmonia entre dois grupos distintos da sociedade acabavam entrando em conflito, muitas vezes por conta dos valores atribuídos a cada um dessas subdivisões da sociedade. Tem-se o exemplo muito lembrado da época em que metaleiros e punks se enfrentavam no centro da cidade de São Paulo, a fim de perpetuar suas ideias no quesito de embate ideológico. Dessa forma podemos afirmar que “o mundo é um campo de relações estruturado a partir da

polaridade entre o eu e o outro, ele é o reino onde a história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos” (HOLZER, 1999, p. 69 apud TUAN, 1965)

Mas para não prolongar tal história, gostaria apenas de fazer um apontamento de que essa situação não se perpetuou apenas no âmbito das ideias, mas também no que se refere ao comportamento musical de todos os envolvidos. A banda “Ratos de Porão” foi duramente criticada por seus fãs por terem adotado uma estética que adicionava ao seu som punk alguns elementos do thrash metal, o que acabaria sendo nomeado como “crossover thrash”.

Muitos fãs, dessa forma, acabariam nomeando os integrantes do grupo como traidores do movimento punk, o que traria também alguns anos mais tarde o momento icônico no canal MTV, onde o apresentador e líder da banda foi provocado pelo seu entrevistado, sendo assim chamado pela mesma alcunha que o havia atingido anos antes.

Essa história só foi contada para meios de contextualização para voltar à luta territorial dos “emos” na cidade de São Paulo. Da mesma forma com que os punks e os metaleiros tinham as suas rixas por conta de seus comportamentos cotidianos, os integrantes do movimento “emocore” acabariam se tornando alvos de hostilização que partiriam de diversas outras “tribos urbanas”.

Existiu uma grande comoção negativa sobre os emos no que se refere à sexualidade dos envolvidos, a estética andrógina, homens ultra sentimentais que, assim como as mulheres, estão dispostos a demonstrar seu amor à pessoas do mesmo gênero sem se importarem com o que a sociedade iria dizer sobre aquela situação.

Mas apesar desse pensamento progressista que existia dentro da comunidade, é preciso apontar também que, assim como qualquer movimento cultural, existiam questões internas de machismo, lgbtfobia, racismo, entre outros problemas da sociedade que estavam ativamente presentes dentro das atitudes dos

jovens. É importante que nos lembremos desses quesitos para não enviesar o assunto em apenas pontos positivos oferecidos por essa comunidade.

Para completar o raciocínio quanto à territorialidade dos movimentos culturais, é importante que seja traçada o objetivo por trás da conquista dos seus próprios pontos de reunião. A história mostra que as ocupações de determinadas regiões acabam ocorrendo por questões políticas e não poderia ser diferente com os diversos grupos político-culturais que são diretamente relacionados com os emos, sendo eles conflitantes ou parte desse movimento sucessor do hardcore punk. A partir de Milton Santos:

“No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (Santos, 2006, p. 218)

Apesar do que foi dito até agora, existe aqui uma diferença entre os emos e outros movimentos culturais. Já falamos do conflito que existiam entre tribos urbanas, tendo como o exemplo o embate punk x metal, mas o emocore englobou uma série de estéticas e visões musicais que ofereceu uma união de mais de dois estilos em seu currículo, entre elas o próprio punk e o próprio metal. Mas além desses, o hip hop, o pop, o trap, a música eletrônica são alguns exemplos dos estilos que foram incorporados tanto por artistas quanto por outros setores da comunidade emo, apesar de dentro da cronologia, os marcos serem distintos.

Dessa forma, pode-se dizer que o emo afastou pessoas de alguns setores da sociedade ao mesmo tempo que aproximou novos integrantes desses mesmos setores. O autor entende que essa afirmação é um tanto quanto confusa, mas para sintetizar a ideia, o que houve foi uma união de tribos urbanas a partir da adição talvez programada, talvez natural de novas manifestações culturais, que trariam à tona a tal metamorfose do estilo.

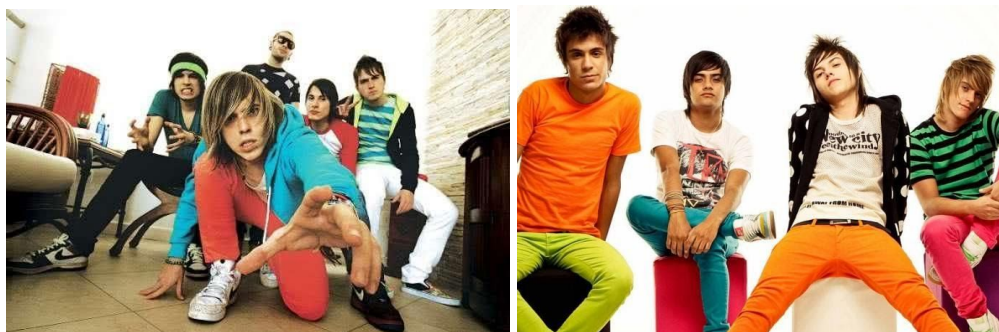
7. Metamorfose do emo

Frente à visão geográfica, o emo poderia ser visto em qualquer localidade da cidade de São Paulo, visto que o movimento deu um salto dos becos mal iluminados de sua origem para modelos de capa de revista em qualquer barbearia do Brasil, tornando-se o “mainstream” no que se diz do caráter rebelde da juventude. O movimento se torna então uma moda, um costume em voga em todo o globo durante esse período. Os shopping, casas de shows, praças e parques, galerias, ruas, avenidas estão todas tomadas por uma legião de jovens que contêm algumas das características que já os enquadram como pertencentes ao emo.

Mas ainda é necessário fazer novos apontamentos temporais sobre o estilo. Muito se é falado sobre a questão da evolução do gênero, partindo de uma estética obscura e triste para uma atmosfera colorida e alegre, que assim como a versão anterior, dominou ruas e grandes mídias em toda a extensão territorial no Brasil a partir do ano de 2010, os chamados “coloridos”.

Bandas que outrora se promoviam com sua imagem regada à melancolia e à estética preto e branco seriam substituídas por características ainda mais extravagantes e chamativas pelas novas cores que seriam adotadas em suas vestimentas e acessórios do cotidiano. Apesar das várias semelhanças, o que faz com que a confusão entre os dois estilos acabe ocorrendo, é nítido o início de um novo movimento.

Figura 14.1 e 14.2 - Bandas Cine e Restart, respectivamente



Fonte: O Tempo¹⁶e Buzzfeed¹⁷

Mas para além do rock, o emo acabou levando a consolidação de diversos outros estilos de música e até na estética visual. O trap que já vinha crescendo a partir da base do movimento hip hop desde o começo da década de 2010, acabou se misturando com alguns elementos tanto musicais quanto ideais do emocore, consolidando a mistura de agressividade emocional com o cotidiano violento das ruas que acolhiam os jovens norte-americanos, mas que chega no Brasil com a mesma intensidade, convertendo inúmeras pessoas até os dias atuais.

É interessante perceber que a roupa desse novo gênero muito se parece com a dos emos do final dos anos 2000, ou seja, voltam a estética das unhas pintadas de preto, calças “skinny” pretas, tatuagens, mas com elementos que podem ser vistos no hip-hop, como as correntes no pescoço e camisetas largas.

Mas não podemos ficar presos apenas na música. Diversas outras áreas do entretenimento acabariam afetadas com a onda do emo, tendo dois exemplos como os mais reconhecidos nos dias atuais. Por um lado temos o termo “sadboys”, tendo o conceito sido criado pelo coletivo do *rapper* Yung Lean que acabou por voltar com a moda dos chapéu pescador como uma de suas marcas registradas e que contém uma conotação literal de homens emotivos, que expressam suas fragilidades pessoais, o que acabaria por desconstruir a ideia do homem sem sentimentos em todos os aspectos e áreas de conhecimento na sociedade.

¹⁶ Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/diversao/banda-cine-faz-unica-apresentacao-em-belo-horizonte-em-outubro-1.138803>> Acesso em dez. 2020.

¹⁷ Disponível em:

<<https://www.buzzfeed.com/br/susanacristalli/lembretes-de-como-era-o-mundo-real-quando-comecou-game-of>> Acesso em dez. 2020.

Figura 15 - Yung Lean e o grupo *Sadboys*

Fonte: Vice¹⁸

Por outro lado existe o movimento das “e-girls” que literalmente significa mulheres com acesso a ambientes digitais que, até então, eram extremamente masculinizados, principalmente na área de games. Dessa forma, é possível traçar a essa moda algumas referências do universo *geek*, ou seja, de um grupo de pessoas que tem como característica a sua paixão por assuntos eletrônicos, tecnológicos, de jogos, sejam elas digitais ou de tabuleiro, quadrinhos, séries, entre outros.

Por serem consumidoras de franquias do universo *geek*, muitas vezes acabam se inspirando na moda jovem e são comparadas fisicamente com personagens populares de quadrinhos e séries como Ramona Flowers da franquia Scott Pilgrim e Arlequina, do Universo DC. Apesar de ambientes distintos, alguns membros da comunidade *geek* tem o costume tanto profissional quanto por diversão de customizarem os seus próprios cosplays, que por definição significa a fantasia fiéis baseadas em personagens desse universo.

¹⁸Disponível em: <<https://i-d.vice.com/pl/article/xwy4gk/sadboys-i-sadgirls>> Acesso em dez. 2020.

Figura 16.1 e 16.2 - Mary Elizabeth Winstead e Margot Robbie, respectivamente como Ramona Flowers e Arlequina



Fonte: Pinterest¹⁹e Best of Comicbook²⁰

O intuito da citação das variações culturais culminadas pela ascensão do emo é puramente explicativa, dessa forma, não entraremos em muitos detalhes a respeito desses gêneros. Mas é importante notar que essas novas manifestações culturais tem o emo como um fator em comum, sendo ele o seu extrato de desenvolvimento para a consolidação das respectivas tribos urbanas que apareceriam posteriormente.

Dessa forma, analisando todas os fatores que permeiam a continuidade do movimento emo, é possível concluir que, apesar de em número bem menor ao que já foi noticiado, esta manifestação artística ainda resiste por seu lugar na sociedade, talvez não apenas nos moldes em que se reconheceu há alguns anos atrás, mas por meio de pequenas metamorfoses que sofreu durante a sua vida, ocupando as mesmas localidades e lutando por novos espaços de convivência em suas novas fases e facetas de existência.

¹⁹ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/89509111315843535/>> Acesso em dez. 2020.

²⁰ Disponível em: <<https://bestofcomicbooks.com/harley-quinn-bikini-pictures/>> Acesso em dez. 2020

8. Entrevistas

Só para termos de comparação, o autor teve sua adolescência regada consciente e inconscientemente pelo movimento emcore em uma cidade do interior de São Paulo, em São José dos Campos. Consciente porque todo o alvoroço era nítido e inconsciente porque fazia parte do grupo dos emos sem nem ao mesmo ser um naquela época.

Apesar de ter vivenciado alguns pontos citados acima, minha visão sobre a sociabilidade é apenas comparativa. Ainda na adolescência, entre a quinta série até o terceiro ano do ensino médio, dentre os anos de conseguia ver os shoppings lotados de jovens emo e sua subsequência cultural, assim como nos parques da cidade, pistas de skate e em praças.

O que consegui perceber desse período como um jovem desleixado com a própria aparência, que deixava o cabelo crescer a ponto de alcançar o modelo de franja emo, foi a visão da sociedade perante ao eu indivíduo com os traumas, questões internas, comportamentos anti-sociais e rebeldes, ouvindo músicas que muito se aproximavam do hardcore. Eu sentia que estava sendo constantemente observado e julgado pelos outros, o que me trazia pensamentos cada vez mais como uma barreira àquelas pessoas.

Dessa forma, apesar de não ser emo, acabei me enturmando com um grupo de colegas da escola que se reconheciam daquela forma e assim, finalmente, me senti incluído em algum espaço, onde eu poderia ter minhas ideias sem pré-julgamentos. Assim, depois de ter minhas próprias opiniões negativas sobre o movimento emcore, acabei me cedendo ao respeito quanto a essa tribo urbana.

Mas infelizmente isso ocorreu apenas até a entrada ao ensino médio, onde troquei de escola e comecei a frequentar uma instituição de ensino onde a maior parte dos alunos fazia parte da classe média/alta da cidade. De alguma forma, aquelas pessoas não faziam parte do universo onde eu, outrora, me senti incluso. Mesmo rodeado de pessoas que tinham um gosto musical parecido ao meu, ainda

sentia olhares estranhos e ouvia termos ofensivos quanto à sexualidade das pessoas que tinham aparência semelhante à minha.

Cada vez mais me perdi à “normalidade” aceita pela sociedade, cedi às brincadeiras ofensivas que eram proferidas por outras pessoas e comecei a fazê-las também com a nova juventude que começava a engatinhar com o grupo dos coloridos. No fundo eu sabia que aquilo não era algo certo a se fazer, mas querer estar em algum grupo mesmo que fora de meus ideais era algo necessário como um ser humano.

Havia alguns emos remanescentes nessa escola, mas o nível de consumo desses indivíduos era muito maior do que o meu, o que me deixava com vergonha de não parecer tão fã de determinada banda ou que eu não demonstrasse a determinação suficiente em fazer parte de um grupo cultural que eles se inseriam. Como alguém que não teve muito poder de consumo durante a juventude emo, a inferioridade como parte de uma instituição de uma certa classe social acabava ocorrendo.

Ainda que a situação financeira estivesse melhorando, o único grupo pelo qual eu tinha um sentimento de pertencimento se metamorfoseava para outro subgênero pelo qual eu não tinha apreço, não querendo mais perder tempo ou capital com aquilo que para muitos estava morrendo. Apenas na chegada ao ensino superior, em uma instituição onde enxerguei ideais progressistas, pude reacender a minha paixão pelo movimento emo que havia deixado de lado pelas questões já passadas.

Com essa história de parte da minha vida em relação ao emocore, podemos dar início a algumas entrevistas com alguns casos diferentes, onde os entrevistados contam um pouco da sua experiência como participantes ou não participantes desse grupo cultural, dividindo-os em quatro setores, sendo eles:

- Caso 1: O que não participou, mas era simpatizante
- Caso 2: Ex-emo que participou ativamente do movimento

8.1 Caso 1

O entrevistado diz que foi emo, porém não oficialmente. Durante a adolescência no canal Mix TV e MTV ouvia bastante Paramore, Panic! at the Disco e MCR, mas nunca se aprofundou na estética visual, apesar de já ter desejado em algum momento ter a franja emo. Mas em questão de roupas nunca teve um impulso que o fizesse querer obter artigos desse grupo cultural.

Ele se diz um dos únicos dentre os amigos que gostava de bandas emcore, enquanto que seus colegas, apesar de gostar da banda Paramore por apresentar uma vocalista feminina, consumiam mais rocks pesados dos anos 80 e 90, não sendo tão influenciados pelas bandas do movimento emo e termina a frase dizendo que gostava muito da cantora Pitty, apesar de não saber se ela participava desse subgênero.

Tocando no assunto sobre o desejo do entrevistado de ter o cabelo emo, pergunto qual foi o impeditivo para a falta de ação quanto à estética capilar e ele responde que o desejo não era tão forte, apesar de existir e completa que era um garoto extremamente tímido e que não gostaria de se tornar centro das atenções por conta de uma escolha estética. Mesmo com a ascensão do número de jovens do movimento, ele não tinha a percepção sobre tal pelo menos em sua escola durante toda adolescência.

Em 2006, ganhou um computador onde ficava boa parte do tempo jogando MMORPGs, mas até a sétima série ainda saía para a rua com o intuito de jogar bola com os colegas, o que mudou ao chegar no próximo ano de escola, quando grande parte deles acabou mudando de instituição, fazendo com que ele se fechasse mais ainda no que chama de seu “mundinho”.

Ele se diz grande fã de Paramore ainda, elogiando o último trabalho feito pela banda, apesar de não ter gostado muito do disco solo da vocalista da mesma. Mas volta a citar as bandas do início da entrevista, mas diz que ouve apenas situacionalmente, preferindo consumir o pop e o funk, alegando preferir músicas alegres atualmente.

O entrevistado cita que mora em São Paulo desde os seis anos de idade, mas nasceu e cresceu no estado do Rio Grande do Norte. Em sua terra natal, o forró era o gênero mais tocado apesar da música eletrônica chegar forte à região, mas nada se era visto do emo nas ruas e entre os seus parentes, tanto os da região nordeste do país, quanto os do sudeste.

Não existia muita aceitação sobre o emo pela mãe do entrevistado, apesar da mesma ter sido pega ouvindo a canção “*The Only Exception*” da já citada banda Paramore. Segundo o filho, ela apresenta, de uma forma geral, um preconceito sobre o rock pesado pela associação com a rebeldia dos jovens e completa que sua mãe desconfiava que o seu gosto musical era justamente aquele até há pouco tempo atrás.

Entrando no tema da homofobia dentro da cultura emo, ele diz que apesar de não conhecer artistas gays nesse subgênero, a visão sobre a estética visual, de forma geral, acabava o afastando de ambientes onde esses indivíduos se encontravam, pelo medo de o associarem à homossexualidade, apesar de ser declaradamente um homem gay.

Em sua percepção, o emo era um tipo de desconstrução da masculinidade, tanto pelas suas atitudes quanto pela estética, assim como uma quebra de paradigma sobre a feminilidade das mulheres. Seguindo, diz que o “não ser másculo”, ainda mais em 2006 e 2007 parecia um pecado, o que fez com que cogitasse a possibilidade de sua mãe preferir com que ele estivesse num ambiente de músicas mais pesadas e masculinizadas, onde seus colegas se encontravam, do que próximo do emocore.

Entrando no âmbito da relação entre a cultura “Geek” e a do emo, o entrevistado diz que durante sua juventude, o termo “Geek” sequer existia em vocabulário, aparecendo apenas posteriormente para tornar o universo nerd mais palatável e rentável no mercado de entretenimento, já que esses últimos eram vistos negativamente pela sociedade, mas acrescenta que muitos dos seus conhecidos consumiam ambos os produtos culturais.

Sua leitura do emo, no final das contas é a de que apesar de ter sido amplamente difundido, ainda o considerava como uma cultura popular, já que não fazia parte do status quo da sociedade e também pelo fato do subgênero ascender fortemente na mesma medida em que outros gêneros musicais mundo afora, como o hip hop, citando por último, que o k-pop era algo muito mais massificado e super produzido dentro de uma comparação com o emo, tendo em vista que sua irmã de nove anos já consome de forma abundante a cultura sul-coreana através de suas redes sociais.

8.2 Caso 2

A entrevistada em questão não se reconhece mais como parte do movimento emo, apesar de ter se reconhecido até 2015, explicando seus novos horizontes tanto musicais quanto no estilo de vida como o grande motivo pelo qual saíra desse grupo. Ao ser perguntada sobre a razão pela qual havia entrado nesse ambiente, ela diz que tinha um grande amor pelas canções desse subgênero, assim como a sensação de liberdade em se sentir triste, ao mesmo tempo em que alimentava uma revolta interna sobre um certo tipo de mundo que não poderia ter em sua vida, segundo suas próprias palavras.

Ela conta sobre sua adolescência estudando em uma escola adventista e o estilo de vida tradicional que sua família empregava, o que acabou culminando em sua personalidade rebelde. Cita a ridicularização sofrida por desconhecidos, pelos próprios parentes, assim como o descontentamento de sua mãe pelo fato da filha ouvir músicas com vocais gritados e agressivos, além de não utilizar uma moda mais colorida e estampada. Brinca também com a lembrança das brigas por conta das roupas pretas, que segundo a própria, “eram muito difíceis de se lavar”.

Sua amizade com outra pessoa emo se baseou em uma menina durante o final do ensino fundamental até o ensino médio, mas conta que criou mais vínculos a partir da internet, o qual teria moldado o seu caráter. Foi através dessa ferramenta que a entrevistada teve acesso às bandas favoritas, suas letras, discussões sobre a

forma negativa como os emos eram vistos pela sociedade e, sobretudo, fazer amizades.

Mas isso acabou ocorrendo graças ao acesso à tecnologia da conexão banda larga, o que a possibilitou também de ter o cargo de moderadora da comunidade brasileira de sua banda favorita, Simple Plan, onde, ao ser lançada uma canção, ela ficava responsável pela tradução das letras para o português, fazendo com que houvesse o aprendizado da língua inglesa se desse de forma orgânica para muitos membros ali inseridos.

Mas a lista de funcionalidades da comunidade não para por aí. Um fórum de confissões se apresentava como um grande sucesso entre os integrantes que contavam casos de suas vidas publicamente para todos que tinham acesso à página, além de agendamentos de caravana para os shows da banda feitas de forma organizada ou até mesmo nas reuniões em grandes parques e shoppings não só da cidade de São Paulo, mas em diversas localidades do Brasil.

Ela se diz apreciadora da cultura *pop*, desde cenários musicais até séries e filmes, não gostando de ficar de fora sobre as grandes novidades da cultura do entretenimento. O amor pelos animes também começava por conta da internet. Apesar de inicialmente assistir pela televisão, o catálogo completo dos desenhos nas redes proporcionou uma experiência completa do consumo desse formato artístico. A mesma diz ter feito tanto parte do universo emo quanto *otaku*, revelando que já fez cosplay da personagem Nana Osaki da série japonesa que leva seu nome.

Ela conta os motivos da escolha de personagem para ser parte do seu universo “*cosplayer*”. A entrevistada não poupa elogios e admiração tanto à obra quanto à Nana, que muito pode ser visto como uma mulher com características próximas ao emo. Mas ao final de todo o enaltecimento desabafa quanto a sua baixa autoestima criada por conta dos padrões de beleza apresentados na novela. Explica o seu carinho pelo ato de se fantasiar de maneira fidedigna de diversas personalidades da cultura pop e de ir em eventos para aproveitar uma experiência completa desses ambientes.

Nesses eventos, ela descobria o universo LGBT ao se relacionar com meninos e meninas, algo que segundo ela, era algo inimaginável. Paralelamente, nas comunidades do Orkut em que fazia parte, acabava conhecendo outras pessoas desse universo, sempre trocando experiências e realizando discussões a respeito do assunto.

O ambiente do cosplay juntamente com as descobertas do meio LGBT abririam alguns novos formatos do conhecimento e de interesse para a entrevistada que cita a prática da fantasia algo muito ligado à cultura *drag*, que pode ser diretamente relacionada à ideia do “*do it yourself*”, ou em português, faça você mesmo, na criação de um personagem desde a maquiagem até a construção da própria roupa.

No final do terceiro ano do ensino médio, ela acabou conhecendo mais colegas de outras salas que se reconheciam como emos, fazendo com que o sentimento de aceitação de sua personalidade ocorresse. Entretanto, o seu visual não se baseava mais nas extravagâncias das meias e luvas arrastão, seguindo padrão de cores preto e branco, cabelos com corte repicado, e sim, no básico jeans, camiseta e calçados pretos.

Como moradora do bairro do Capão Redondo, contou sobre as dificuldades do acesso a cabeleireiros que conseguissem reproduzir o corte da moda emo/scene na periferia de São Paulo que, segundo ela, era praticamente inexistente. Dessa forma, ela, assim como muitos indivíduos desse grupo tinham que fazer uma viagem até o centro da cidade para conseguir chegar às características almejadas.

Então, muitos emos estudavam através de vídeos e tutoriais na internet uma forma de cortar os próprios cabelos a fim de poder entrar no estilo no qual queriam se caracterizar e, independente do resultado final, a felicidade de conseguir chegar próximo à satisfação já era uma vitória para esses indivíduos. No caso da entrevistada, o pai dirigia seu carro até o centro, podendo deixá-la nos arredores da galeria do rock, onde percebia uma maior aceitação daquela subcultura do que no bairro do Santo Amaro, por exemplo.

Dentro do ambiente da moda, bandas nacionais como Cine e Restart, os quais já vinham com a essência do underground do emocore, surgiram para fazer frente a alguns grupos internacionais como Metro Station, Forever The Sickest Kids e Brokencyde que vinham com um pop eletrônico, porém como uma estética visual carregada das franjas que muito ficariam conhecidas como o estereótipo emo, apesar de carregarem consigo uma roupagem bem mais colorida, mas de qualquer forma vistos e reconhecidos como parte da subcultura do nosso objeto de estudo.

Aqui, a entrevistada vê o subgênero como uma cultura de massa, pelo motivo de a moda ter sido alastrada país a fora. Através de seus amigos das redes virtuais era nítido o consumo deste produto em todas as regiões no território nacional, em especial a região Sul que continha uma densidade muito alta de indivíduos participantes dessa tribo urbana.

Seguindo o fluxo, no debate do “emo x funk”, existia uma cultura de inferiorização do segundo gênero por razões que permeiam a vulgaridade por um lado e a intelectualidade do outro, dando a entender que a tristeza provém de uma melhor percepção individual dos problemas que nos rodeiam. Percebe-se um quê de superioridade no nível de assuntos tratados sobre a sociedade de um lado em detrimento da suposta “felicidade voluptuosa” do outro.

Nessa discussão, temos mais um estereótipo que rodeia o emo pelo qual é possível ver segregação que ocorre por diversos fatores, sendo eles a visão eurocentrada sobre o mundo, cabelo liso e pele clara. Caso as expectativas não fossem alcançadas, as pessoas ficariam de fora desse grupo cultural, visto que, por exemplo, pessoas brancas dentro do cenário já seriam ridicularizadas, mas caso o indivíduo fosse negro e não possuísse o corte de cabelo que encaixe nesse determinado movimento, essa hostilização seria potencializada.

Os transtornos alimentares eram muito comuns, principalmente nas mulheres que, para serem aceitas no estereótipo, precisavam estar constantemente magras. Cabe lembrar também a representatividade feminina nos palcos, que tivemos como o mainstream a presença da banda Lipstick, onde todas as integrantes eram

mulheres, mas que nem de perto conseguiu a mesma força comercial que bandas como NXZero e Fresno, integradas apenas por homens.

Fora dos palcos a situação ainda era hostil. As mulheres eram constantemente sexualizadas podendo também se reconhecer na estética “*Kawaii*”. Dessa forma, muitas acabavam tendo comportamentos hiper sensuais e sexuais, além de ter a autodestruição através de drogas e álcool como parte do caráter rebelde das jovens, muitas vezes presas em casa, sem muitas oportunidades para a socialização e entretenimento fora do âmbito residencial.

É interessante ver como a sensibilidade e a desconstrução da masculinidade tóxica durante a era do emo, através de músicas reflexivas e sentimentais sobre diversos temas, entre elas os desvios de conduta dos homens ou a sensação de que algo no comportamento da humanidade não está certa acabou não afetando em muitos setores da sociedade, sejam eles no respeito ao corpo da mulher, na maturidade, no afeto a outros homens, entre muitas outras temáticas.

Para fazer o fechamento da entrevista, foram citados os locais mais importantes de sua ou de qualquer indivíduo participante do movimento na época do emo. O primeiro espaço importante a ser falado foi a galeria do rock, onde é possível comprar camisetas de banda, coturnos, tênis “*All-Stars*”, entre outros artigos para identificação cultural.

Como casas de shows importantes, o Hangar 110 foi lembrado rapidamente, apesar de sua mãe nunca tê-la deixado ir por sua proximidade com a cracolância, mas reconhecendo a grandeza do templo das bandas underground de hardcore. O Carioca Club tem história por comportar grande bandas do emocore nacional da época como Fresno, Glória e Fake Number e também do internacional com o banda norte-americana, Anberlin.

O Parque do Ibirapuera foi citado, mas sem muita relevância a não ser pela grande quantidade de pessoas desses grupos que acabavam se reunindo em determinados dias da semana, diferentemente do Parque da Juventude, localizado no metrô Carandiru, que por conta da proximidade com os eventos do “*Anime*

Friends” acabava sendo um grande ponto de encontros entre emos e otakus na cidade de São Paulo.

Muitos emos abandonaram o estilo de vida para se aventurar em outros núcleos culturais, sendo pro cenário indie, pro eletrônico, para o k-pop, entre qualquer outro, talvez pela saturação daquilo que fazia a felicidade de tanta gente, em busca de novos *modus operandi* para a sua vida, novos desafios, além de que muitos dos que trilharam novos caminhos hoje são homens e mulheres adultas e que apesar de poderem gostar de fazer parte de alguma tribo urbana, já não tem o fogo que um dia tivera quando jovens.

Ora fazendo loucuras por artistas, Ora devotando pela própria comunidade ou até mesmo encontrando sentido e representação nas palavras de uma ou mais pessoas pelas quais se tem admiração, talvez por falta de afeto entre familiares e amigos ou, talvez, apenas para poder se divertir com aquilo que mais nos deixa feliz em nossas vidas.

9. Considerações finais

Vimos nessa caminhada histórica que o emo nasceu de uma forma espontânea, ou melhor, metamorfoseou a partir do hardcore punk e passou por diversas mudanças durante a sua trajetória, quando passou pelo indie rock, rock alternativo, post-hardcore, math rock, entre outros gêneros, mas que obteve o seu sucesso comercial a partir dos anos 2000 com bandas assinando grandes gravadoras, trazendo o estilo ao mainstream da indústria fonográfica.

Da mesma forma, para muitos o emocore “morreu” a partir da ascensão daqueles gêneros musicais que haviam sido transformados pelo próprio extrato do nosso objeto de estudo, o que no mínimo é curioso, visto que a ascensão do emo não prejudicou nenhum de seus parentes musicais. O que muito se vê é o fluxo natural de desenvolvimento tecnológico que acaba por super produzir novos discos nos dias atuais.

É possível enxergar também que os lugares em seu mais amplo sentido, tem a função de conectar as pessoas e seus grupos culturais a um sentimento de residência e de pertencimento. Atribuir emoções a certos espaços vividos é o que torna o nosso eu-lírico, individual e coletivo, notável dentro da sociedade. Temos, dessa forma, que os lugares que frequentamos, onde nos apaixonamos e nos marcamos na própria memória ou na das outras, contribuem com a ressignificação de nossas ideias sobre o cotidiano social.

Dizer que um determinado gênero musical está morto é apagar a existência das pessoas, de suas histórias e de suas almas que sempre estiveram conectadas a um movimento que ensinou valores pelo qual sonhar. Assim como houve adaptações durante toda a cronologia musical, não poderia ser diferente com esse movimento, que assim como muitos outros, ditaram uma nova forma de protestar contra os absurdos da sociedade sejam elas coerentes ou não.

Se hoje vemos ousadia na forma de fazer música ou de se comportar perante à sociedade, devemos as várias realidades e diversos fatores pretéritos que nos levam a enxergar o mundo como o é nos dias atuais, àqueles que construíram essa

ponte que foram vistos com preconceito, que não foram compreendidos ou nem ao menos ouvidos.

Se o emo foi bom ou ruim, isso é algo a se deixar pela opinião de cada leitor, mas é inegável a riqueza que o movimento nos proporcionou em termos de energia, paixão, sentimentalismo, entre outras emoções. Em uma sociedade em que o homem deve ser forte e viril e a mulher fraca e submissa, uma cultura que preza pela preocupação dos dramas alheios, ainda que com todas as suas falhas, se mostra ao menos razoável.

10. Bibliografia

BERGER, Gaston *Phénoménologie du Temps et Prospective*, Paris, PUF, 1964

BUTTNER, Anne. (1976): Grasping the Dynamism of Lifeworld. *Annals of the Association of American Geographers*, 66 (2), pp. 266-276.

_____ (1982): Musing on Helicon: Root Metaphors and Geography. *Geografiska Annaler*, 64 B (1), p. 89 - 96.

DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique*. Paris: CTHS, PUF, 1952

DARTIGUES, André. (1973): O que é a Fenomenologia. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 163

FUNTOWICZ, Silvio & RAVETZ, Jerome R. *Epistemología Política. Ciencia con la Gente. Buenos Aires, Centro Editor de America Latina, 1993.*

HOLZER, Werther *O Lugar na Geografia Humanista*, Rio de Janeiro, Revista Território ano IV, n° 7, 1999

LUCKERMANN, F. *Geography as a Formal Intellectual Discipline and the Way in Which it Contributes to Human Knowledge*. *Canadian Geographer*

POCOCK, D.C.D. (1981): Place and the Novelist. *Transactions of the Institute of British Geographers N. S.*, (6), p. 337-347.

RELPH, Edward. (1976): *Place and Placelessness*. London: Pion, p. 156

RIMBAUD, Placide *Société Rurale et Urbanisation* 1. éd., 1969 Paris, Seuil, 1973

SANTOS, Milton A *Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* 4. ed. 2. reimpr. São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2006

TUAN, Yi-Fu. (1965): "Environment" and "World". *Professional Geographer*, 17 (5), p. 6 - 7.

_____ (1975): Place: an Experiential Perspective. *The Geographical Review*, 65 (2), p. 151 - 165.

_____ Space, Time, Place: a Humanistic Frame. In: CARLSTEIN, T., PARKES, D. THRIFT, N. (1978a) *Making Sense of Time*. London : Edward Arnold, p. 7-16. (1978b) Sign and metaphor. *Annals of the Association of American Geographers*, 68 (3), pp. 363-372.

_____ Space and Place: Humanistic Perspective. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht : Reidel, 1979, pp. 387-427. (Publicado originalmente em: *Progress in Geography*, (6), p. 211 - 252, 1974).

_____ (1983) *Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, p. 250 (Ed. norte-americana: *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis : University of Minneapolis Press, p. 235, 1977).